

## **PROPOSTA DE INTERPRETAÇÃO AMBIENTAL NA CAPELA SANTA BÁRBARA (PONTA GROSSA, PR)**

**Resumo:** Este trabalho buscou mostrar as possibilidades da utilização da interpretação ambiental na capela Santa Bárbara (Ponta Grossa – PR). Essa capela de 1823 foi tombada em 2000 pelo Conselho Municipal de Patrimônio Cultural, entretanto muitas pessoas, inclusive residentes, não a conhecem. Para esse fim buscou-se ponderar sobre a situação do atrativo por meio de um diagnóstico; verificar as aplicações da interpretação ambiental; e sugerir ações de interpretação ambiental que possam ser realizadas no patrimônio focando a valorização da sua história. O referencial teórico define a interpretação ambiental e suas ferramentas e aborda o histórico da capela e da santa que a nomeia. A pesquisa descritiva compilou seus dados por meio de pesquisa documental e observação direta em trabalho de campo in loco. Verificou-se potencial para aplicação da interpretação ambiental na capela Santa Barbara seja para transmitir informações básicas e históricas, por meio de painel interpretativo, seja por meio da ampliação da experiência por meio de narrativa guiada pela propriedade, por exemplo.

**Palavras-chaves:** Turismo Cultural, Interpretação Ambiental, Patrimônio, Capela Santa Barbara, Ponta Grossa.

**Abstract:** This work aimed to show the possibilities of the use of environmental interpretation in the Santa Bárbara chapel (Ponta Grossa - PR). This chapel of 1823 was registered in 2000 by the Municipal Council of Cultural Heritage, however many people, including residents, do not know it. To this end, we sought to consider the attractiveness situation through a diagnosis; verify the applications of environmental interpretation; and suggest actions of environmental interpretation that can be carried out in the equity, focusing on the valuation of its history. The theoretical reference defines the environmental interpretation and its tools and approaches the history of the chapel and the saint that names it. The descriptive research compiled his data through documentary research and direct observation in field work in loco. There was potential for applying the environmental interpretation in the Santa Barbara chapel either to transmit basic and historical information, through an interpretative panel, or through the amplification of the experience through narrative guided by the property, for example.

**Keywords:** Cultural Tourism, Environmental Interpretation, Heritage, Santa Barbara Chapel, Ponta Grossa.

### **1 Introdução**

A interpretação ambiental pode servir como ferramenta para manter viva a história e memória do lugar, ao mesmo tempo em que proporcione uma experiência enriquecedora aos visitantes, pois essa “deve ser prazerosa, diferenciada, provocante e significativa” (TILDEN, 1977 apud GRUPO TEMATICO, 2003, p. 19). Sua aplicabilidade é ampla, mas ela é mais recorrente em áreas naturais.

A Capela Santa Barbara foi construída em 1823, em terras doadas para um grupo de jesuítas em Ponta Grossa (PR). Devido a seu valor histórico expressivo, o patrimônio foi tombado no ano 2000 pelo COMPAC (Conselho Municipal de

Patrimônio Cultural). Apesar desse valor histórico-cultural o atrativo encontra-se no último lugar entre as “atrações da cidade” listadas em uma rede social de viagens. Entre os três comentários existentes nessa rede social (em abril de 2019) um menciona “É bom ir com um guia, pois sem as informações históricas, nem vale a pena ir, pois é uma edificação pequena que tem muito significado na história do município”.

Dessa forma, indagou-se: De que forma a interpretação ambiental poderia ser implementada na Capela Santa Barbara? Portanto, o objetivo geral desse trabalho foi: Discutir de que forma a interpretação ambiental poderia ser implementada na Capela Santa Barbara. Para esse fim, foram colocados como objetivos específicos: ponderar sobre a situação do atrativo por meio de um diagnóstico; verificar as aplicações da interpretação ambiental; e sugerir ações de interpretação ambiental que possam ser realizadas no patrimônio focando na valorização da sua história.

Justifica-se a importância da pesquisa pela interface com a comunidade. Ainda que não se proponha a efetivar as ações (que demandam recursos) a análise das melhorias necessárias para a valorização e conservação do espaço, aumentando a sua qualidade e atratividade pode ser útil aos gestores públicos e privados. Além disso, destaca-se que o estudo corrobora para a preservação da história da primeira capela a ser construída em Ponta Grossa e sugere a interpretação voltada ao patrimônio como meio de amplificá-la de uma forma prazerosa.

O artigo se inicia com o referencial teórico, mostrando como os autores definem a interpretação ambiental, logo em seguida, apresenta a interpretação voltada ao patrimônio, de modo que expressa as ferramentas necessárias na interpretação, em diante aborda a metodologia do trabalho. Na seção de resultados e discussões apresenta-se a caracterização do local de estudo com o histórico da capela Santa Barbara e da Santa que dá origem ao nome. Além disso, apresenta o diagnóstico do local e sugestões de ferramentas de interpretação que poderia ser utilizada na propriedade. Por fim são apresentadas as considerações finais e referências utilizadas.

## 2 Interpretação Ambiental & Turismo

Karina Souza (2010) menciona que Tilden (1977) foi o primeiro a se expressar sobre a interpretação ambiental. Segundo Freeman Tilden (2006, p.19 apud SOUZA, 2010) essa “é uma atividade de caráter essencialmente educativa, porém menos erudita e cientificista”. A Interpretação Ambiental acontece somente quando esta atividade possui características: temática, organizada, significativa, provocante, diferenciada e prazerosa (GRUPO TEMÁTICO, 2002)

Para Tilden (1977, apud GRUPO TEMÁTICO, 2002, p. 13) existem dois conceitos para interpretação:

Sendo a primeira deles é para o próprio interprete e o segundo, para o contato com seu público. O conceito para interprete diz que “a interpretação é a revelação de uma grande verdade, que se esconde por detrás de manifestações simples”. Já a segunda, para o contato dele com o seu público, define que “ a interpretação deve capitalizar a simples curiosidade do visitante para o enriquecimento da sua mente e do seu espírito.

Já para Siqueira (2004), que trata especificamente de trilhas no âmbito do ecoturismo, a interpretação ambiental, além de ser uma técnica maleável e educativa, procura transmitir uma informação para um certo público através de uma linguagem adequada e de fácil entendimento. Ainda segundo a autora, pode também trazer a compreensão acerca de fenômenos antrópicos e suas interações com ambientes naturais. Moreira (2014, p. 78), também tratando de áreas naturais, considera a interpretação ambiental como sendo “uma parte da educação ambiental, sendo o termo usado para descrever as atividades de uma comunicação realizada para a melhor compreensão do ambiente natural em áreas protegidas”. Serve como um importante instrumento para transmitir aos visitantes as experiências de contato direto com a natureza, e sensibilizando os para as questões ambientais (SILVA; LORENCINI JÚNIOR, 2010).

Chaverri (1988 apud UNIT, 2005) amplia essa definição de interpretação apontando que ela pode ser entendida como uma arte e ao mesmo tempo uma comunicação humana que explica ao visitante as características do meio ambiente e que não se refere só ao meio natural, e por isso pode ser aplicado em museus e cidades históricas, por exemplo. A interpretação ambiental está relacionada com as experiências que os turistas adquirem ao visitar aquele local.

Complementando com Tilden (1977 apud GRUPO TEMATICO, 2002) aponta-se que a interpretação é uma atividade educativa, que mostra através do uso de objetos, a relação direta com os recursos e de meio ilustrativos, em vez de transmitir a informação com o seu fiel sentido. Cabe ressaltar que interpretação ambiental e educação ambiental são conceitos distintos. Segundo Medeiros (2018) a educação ambiental objetiva o resgate de determinados valores e objetivos educacionais no sentido de valorizar o saber ambiental (nos espaços formais, não formais ou informais de educação) e pode ser considerada como um movimento político, pedagógico e científico. É um movimento que busca a reforma educativa.

Em virtude do que foi mencionado, entende-se que os autores possuem pontos de vista semelhantes a respeito da definição para a interpretação ambiental, e que essa ferramenta pode ser aplicada tanto em áreas naturais quanto não naturais. Dessa forma pode estar presente em um patrimônio edificado, como uma forma de interpretar o patrimônio.

Entretanto, segundo o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN, 2014), o patrimônio é definido como:

Um conjunto de bens móveis e imóveis existentes no País e cuja conservação é de interesse público, quer por sua vinculação a fatos memoráveis da história do Brasil, quer por seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico.

O IPHAN ainda caracteriza o patrimônio cultural com a história do lugar, se está ligada com os pais, avós ou até mesmo antes disso. O mesmo deve ter importância para várias pessoas como: um lugar que muitos acham relevante, uma história compartilhada ou um edifício (IPHAN, 2016).

Em vista disso, a interpretação no patrimônio acrescenta valor a experiência do turista, estimulando o mesmo a apreciação ambiental através das informações disponíveis, salientando a história do patrimônio e fazendo com que o visitante deixe de ser um estranho e naquele momento da visita sinta-se parte do lugar (MURTA; ALBANO, 2002). E além de “investigar, restaurar, conservar e interpretar o patrimônio, é preciso em algumas ocasiões recorrer a outras estratégias que facilitem a atividade turística.” E com isso, aumentar a sua atratividade e transformar o patrimônio em um produto (BIESEK, 2004, p. 47).

Segundo Delgado (2003, p. 319) a interpretação no patrimônio serve como “instrumento para introduzir critérios de qualidade ambiental e sustentabilidade no planejamento turístico”. Já Tilden (2013, p. 119 apud DELGADO, 2006, p.308) defende que:

É fundamental que no âmbito da interpretação a participação seja física. Se tentar incluir tudo o que seja completa ou predominantemente mental, a palavra começa a perder seu significado. Não só deve implicar um ato físico, também deve tratar-se de algo que no próprio participante considere novo, especial e importante para si mesmo.

De acordo com Vasconcellos (1998) as pessoas não buscam apenas ensinamentos e leituras quando se visita um local, é necessário que as mesmas sejam envolvidas, de formas prazerosa, criando uma nova compreensão do lugar, através da interpretação ambiental. Levando em conta o que os autores Tilden (2013), Murta e Albano (2012), Biesek (2004) e Vasconcellos (1998) pensam sobre a interpretação no patrimônio, a interpretação ambiental voltada ao patrimônio pode ser vista como uma ferramenta, para aprimorar o conhecimento e a relação do visitante com o meio.

Para a interpretação ambiental no patrimônio ocorrer sem nenhuma complicação, são necessários meios que facilitem o processo, dessa forma pode amenizar os impactos causados pelos visitantes e ampliar sua conscientização com relação à importância do mesmo. Segundo o Grupo Temático (2002, p. 52), as ferramentas escolhidas devem ser coerentes com o planejamento geral da propriedade.

São diversos os tipos de instrumentos usados na interpretação ambiental. Pode se observar no quadro1, alguns tipos de ferramentas existentes, que são usadas em parques, unidades de conservação ou patrimônios edificados. Essas ferramentas podem ser utilizadas de forma isolada ou combinada e apresentam características e custos a serem consideradas no processo de decisão.

Quadro 1: Ferramentas de interpretação ambiental.

Ferramentas para interpretação ambiental	
Maquete	A criação de uma maquete combina exposições com meios gráficos e lugares históricos. O interessante é que o visitante possa usar o próprio ritmo para observar o mesmo e o custo de manutenção é baixo. A realização da maquete pode ser feita com materiais recicláveis, para diminuir custos.
Palestras	As palestras podem ser feitas por pessoas de fora, como convidadas especiais ou por alguém que já trabalha no patrimônio. No caso de convidados especiais, o mesmo pode suprir possíveis deficiências apresentadas pelos

	interpretes. As palestras podem contar com apoio de filmes ou slides que ajudam a cumprir a interpretação ambiental.
Placas e painéis	O uso de placas, painéis e documentos fixos, é mais utilizado em trilhas, porém, pode ajudar de forma econômica a transmitir informações aos visitantes. Para Murta e Albano (2002) a implementação de uma placa de “bem-vindo”, agrada o olhar do visitante.
Portarias	O uso de portarias também serve como instrumento para a interpretação ambiental, pois nele que o turista tem o primeiro contato com o local visitado. Neste espaço, pode ser contada a história e a importância da propriedade. O mesmo deve ser bem projetado, para que todos tenham acesso e sejam bem recebidos.
Sinalização	A utilização de placas na sinalização é importante para os visitantes, pois através dele o turista pode chegar ao local com mais facilidade. Estas podem ser escolhidas de modo que não sejam escuras demais, e ser feita com material que resistam ao clima.
Trilha autoguiada	O visitante conhece o lugar sem a presença do guia, com apoio de material impresso ou áudio. Essas trilhas devem estar bem sinalizadas.
Trilha guiada	Nas trilhas guiadas, o visitante pode ter uma troca de experiência com o interprete. Esse deve estar atento e ser capaz de traduzir as informações na maneira em que envolve o turista com o meio visitado.

Fonte: Elaborado com base em Grupo Temático (2002)

Dessa forma, a interpretação ajuda a enriquecer esse envolvimento do visitante com o patrimônio, e com as ferramentas necessárias para isso, o turista consegue absolver e ampliar seu conhecimento em relação ao meio visitado. Na seção seguinte apresentamos as escolhas metodológicas utilizadas para essa discussão no âmbito da Capela Santa Bárbara em Ponta-Grossa, Paraná.

### 3 Metodologia

Em relação à Metodologia, é uma pesquisa de caráter descritiva e qualitativa. Segundo Fontelles (2009), a pesquisa descritiva apenas observa, descreve e registra um determinado fato ou amostra, e a abordagem qualitativa, descreve, compara e interpreta sem considerar dados numéricos.

Na elaboração do referencial teórico, algumas das informações foram conseguidas através de artigos publicados na internet, utilizando os buscadores Scielo, Google Acadêmico, e livros disponíveis na internet. Para esse fim utilizou-se palavras chaves como interpretação ambiental e interpretação no patrimônio, e dessa forma conseguindo resultados para interpretação em locais edificadas e naturais.

Para a coleta de dados, buscaram-se dados primários e secundários, segundo Fontelles (2009), os dados primários são “fontes cuja origem remonta à época que se está pesquisando, ainda não analisadas, como textos literários e



documentos”, e os dados secundários, são “as fontes cujos trabalhos escritos se baseiam na fonte primária, como uma análise, ampliação e comparação das informações”. Os dados secundários foram obtidos por análise documental, com levantamento na Casa da Memória e no Museu Campos Gerais, e para obtenção dos dados primários utilizou-se as observações.

De acordo com Zanelli (2002), a observação situa o pesquisador no cenário, fazendo com que o mesmo compreenda a complexidade dos ambientes e assim, permitindo uma interlocução mais competente. Dessa maneira, na elaboração do diagnóstico, foi realizada uma pesquisa de campo para obtenção de informações e imagens do local da propriedade, e também do trajeto até o local. Essa foi desempenhada em julho de 2018. Levando em conta os aspectos observados nos dados do diagnóstico e embasados no referencial teórico, foram propostas algumas possibilidades que poderiam ser implementadas na capela.

## **4 Resultados e discussões**

### **4.1 Caracterização do local de estudo**

A história da capela se inicia no período colonial, em 1704, quando aqueles que se oferecessem “pôr serviço do rei e a Coroa” poderiam adquirir terras contando que usassem para o desenvolvimento de pecuária na região. O Capitão-mor Pedro Taques de Almeida conseguiu terras para si e para seus filhos, de extensão dos “rios Jaguaricatu e Iapó e as paragens que chamavam de Itaiacoca” (HOLZMANN, 1975). No governo de D. Fernando Martins e Lencastre, o filho do Capitão-mor, José Gois de Moraes solicitou terras, entre o rio Pitangui e Itaiacoca, e com a morte de seu pai, em 1713, adquiriu mais terras referente a Carambeí. Apesar de ter enriquecido com a criação de gado, nas sesmarias de Rio Verde, Itaiacoca, Pitangui, Carambeí e São João, anos mais tarde, doou suas terras de Itaiacoca e Pitangui para a Companhia de Jesus. Essa companhia que em 1707 já haviam construído, com a permissão do proprietário, uma capelinha de taipa em homenagem a Santa Bárbara (HOLZMANN, 1975).

Santa Bárbara era filha de Irnéria e Dioscuro, um nobre que trabalhava como funcionário do imperador Diocleciano do século III, em Nicomédia (hoje conhecida

como İzmit, na Turquia). Com o aumento do cristianismo, Bárbara se converteu e tornou-se religiosa, mas seu pai era contra isso e entrou com um mandado de prisão contra a própria filha. Ela foi chicoteada e teve suas feridas milagrosamente curadas. O juiz, não acreditando com o que acabara de acontecer, ordenou que a torturassem com fogo, cujas feridas também foram curadas pela graça divina. O pai, não conformado com a situação, pediu para que ele mesmo tirasse a vida de sua filha, e com uma espada perfurou o seu pescoço. Um dia, ele foi ao monte onde havia matado Bárbara, e o solo estava coberto de flores, e nesse momento um raio o atingiu no peito. Por essa razão, a Santa Barbara é conhecida como “protetora contra relâmpagos e tempestades”, além de padroeira dos artilheiros, mineradores e das pessoas que trabalham com fogo (TOMMASI, 2003).

Há indícios que em 1728, ali existia um oratório e que mais tarde foi criada uma capela no local (FERNANDES, 2003) (figura 1).

Figura 1: Capela Santa Bárbara, ano de 1850-1910.



Fonte: Museu Campos Gerais (2018)

Segundo a Holzmann (1975, p. 17), a capela foi construída em 1823:



Os jesuítas já haviam construído uma capela e também nas mesmas terras, além de um pequeno riacho denominado Legeadinho, usavam uma casa tosca de madeira, tendo ao lado um abrigo aberto, coberto de telhas, o que lhe valeu o nome de “Casa da Telha” onde os missionários jesuítas atendiam às vezes os viajantes de passagem ou mesmos moradores das vizinhanças, por ser esta “Casa da Telha”, ponto mais próximo a capelinha de Santa Barbara, na fazenda Pitangui.

E para Chamma (2007, p. 48) a capela foi construída após a morte do marido de Ana Siqueira Mendonça, dona da Fazenda Cambiju, que levou o corpo para ser enterrado no cemitério do oratório:

Por ter feiro uma promessa, esta fazendeira mandou construir uma capela maior no lugar do oratório (1729). Com paredes de taipa de pilão, telhado de tabuinhas, mais tarde, substituídas por telhas goivas, trazidas de São Paulo, no lombo de burros, por tropeiros. A imagem de Santa Bárbara e outros objetos sacros foram mantidos na nova capela, abençoada pelos jesuítas.

As sesmarias de Pitangui e Itaiacoca voltaram para a coroa portuguesa em 1773, com a expulsão dos jesuítas de Portugal. O Papa Clemente XIV dissipou a Companhia de Jesus, entregando essas propriedades para D. Manoel, Bispo de São Paulo (HOLZMANN, 1975). Com os bens confiscados pela Coroa, a Fazenda Pitangui ficou desocupada, sem escravos, animais e plantações (FERNANDES, 2003). Segundo Fernandes (2003) em 1798, quem ficou de comandar os interesses da Coroa na Fazenda Pitangui foi o Cabo Francisco Pedroso de Abreu.

De acordo com Chamma (2007, p. 49), na região, os jesuítas passaram para libertar os empregados que trabalhavam na fazenda, e aproveitaram para levar os ouros e diamantes que estavam escondidos.

Hoje está provado que os religiosos conseguiram muito ouro e diamantes, inclusive nessa região, em certos pontos de rio Tibagi, e por esse motivo, durante muito tempo, houve pessoas esburacando os arredores da capela de Santa Bárbara, suas paredes e o solo onde o templo está construído (CHAMMA, 2007, p. 49).

O Bispo tinha o intuito de elevar o pouso de lapó a Freguesia de Sant’ Ana e aumentar o comércio, que com o passar do tempo, chegariam novos moradores na região. Com a Freguesia de Sant’Ana do lapó desviava o caminho dos tropeiros, que passava pelas fazendas Cambijú e Itaiacoca, os tropeiros pernoitavam no Capão de Ponta Grossa (HOLZMANN, 1975). Para Chamma (2007) com as chegadas dos bandeirantes, a região dos Campos Gerais ficou conhecida, e com a vinda dos tropeiros, foi aberto caminhos para a povoação. Os tropeiros que aqui passavam,

seguiram por Carambeí, Tronco e Lageado até a freguesia para as casas comerciais (HOLZMANN, 1975).

Com os representantes da região Miguel Ferreira Carvalhais e seu Cunhado Domingos Ferreira Pinto, o povo precisava de um cemitério e um templo, já que a capela de Santa Bárbara junto com o cemitério ficava muito longe, e os caminhos se desviavam para o oeste. Não havia mais padre residente e os ofícios religiosos eram feitos ocasionalmente, Miguel Ferreira Carvalhais, solicitou para o bispo D. Manoel para fazer casamentos e enterros em uma sede fora da vila. O vigário da Vila de Castro, Joaquim de Almeida Leite passava a batizar e casar as pessoas em oratórios particulares das fazendas e para facilitar o trabalho foi construído um altar à Senhora Sant'Ana na casa de Domingos Ferreira Pinto, por ser mais perto, os moradores passam a assistir os Santos Ofícios. (HOLZMANN, 1975).

Nessa mesma época, os moradores queriam que a região fosse elevada a freguesia, e Domingos Ferreira Pinto, Miguel Ferreira Carvalhais e outro, assinaram uma petição, houve algumas exigências como: a quantidade de moradores; capela paramentada; côngrua aos párocos; etc. Não havia capela paramentada e para resolver isso, transferiram o altar de Sant'Ana para a "Casa da Telha" que estava servindo como casa de pouso aos tropeiros, após solucionar estes, uma nova petição foi enviada e em 15 de setembro de 1823 e Ponta Grossa junto de Jaguariaíva passavam a condição de freguesia. (HOLZMANN, 1975).

A Fazenda Pitangui, atualmente, pertence à família Carraro (propriedade privada onde se localiza a capela e outros negócios dessa família (Figura 2)) e possui uma extensão de 500 alqueires (SANTOS; POLON, 2005). Para chegar a capela utiliza-se a rodovia Arichernes Carlos Gobbo, depois virar à esquerda onde há uma placa turística sobre a cachoeira do Rio São Jorge e depois virar à esquerda onde foi colocada uma placa indicando o Santa Café (Figura 3), que vai até uma porteira. O percurso leva 16 km do centro até o local e não possui placas específicas que indiquem a localização da capela. Cabe apontar que no site da prefeitura municipal de Ponta Grossa há orientações com relação ao caminho para o atrativo, bem como a informação de que para visitar é necessário pedir a chave ao caseiro da fazenda.

Figura 2: Localização da capela Santa Bárbara



Fonte: (Google Maps, 2019).

Figura 3: Placas do Santa Café e Cachoeira São Jorge



Fonte: Dados da pesquisa (2018).

O espaço da capela, já dentro da propriedade, é cercado e delimitado por um jardim. A capela fica escondida atrás das árvores antigas e não é visível a partir do portãozinho. Somente após adentrar e seguir o caminho, é que podemos ver a capela, que fica em um lugar com o terreno um pouco elevado, vemos escadas que levam até a porta como mostra a figura 4. Várias flores contornam caminhos de terra que orientam o visitante sobre o percurso a ser realizado.

Figura 4: Capela Santa Bárbara.



Fonte: Dados da pesquisa (2018).

Ao adentrar nesse espaço “reservado” o visitante pode aproveitar a calma do local. A capela possui duas pequenas janelas de cada lado, com uma única porta na frente, e uma porta feita de madeira em cada lateral. A estrutura da capela, vista pelo lado de fora, assim como as telhas estão se deteriorando. As pinturas nas paredes, tanto das laterais, quanto a do fundo, foram danificadas pela ação do tempo.

Dentro da capela, podemos ver bancos, um altar logo a frente e um confessionário. Há também imagens de santos e flores artificiais atrás do altar, e em cima deste há uma bíblia, uma vela e uma taça de madeira. Como fontes de informação, se pode observar um livro de presença sobre o altar e um painel explicativo com imagens (Figura 5) e história da capela (Figura 6). Existe ainda o púlpito, um sino gasto pelo uso, duas pias batismais esculpidas em madeira, e a imagem de Santa Bárbara, assim como descreveu Oliveira (1963).

Figura 5: Painel interpretativo com imagens. Detalhe com espaço vago.



Fonte: Dados da pesquisa (2018).

Figura 6: Painel interpretativo com a história da Capela.



Fonte: Dados da pesquisa (2018).

Nas paredes é possível ver a primeira estrutura antes da reforma, que em 1973, feita por Nestor Carraro, para ajudar na conservação do patrimônio, foi criada uma parede de madeira, que não existe mais, tanto na frente como na parte trás da capela, e também colocando um novo assoalho, porque o antigo se encontrava em mal estado (PONTA GROSSA, 2011). Segundo Chamma (2007) a reforma que ocorreu no governo do prefeito Cyro Martins, quase arruinou o estilo colonial jesuítico original, e na última restauração que foi feita em 2003, confirmou a existência de que ali havia um cemitério. Nos dias de hoje, pode se considerar

necessária uma nova restauração, pois as paredes possuem rachaduras (Figura 7), a tinta do arco do teto junto com o assoalho de madeira se encontra em bom estado, porém a tintas das paredes, tanto de fora quanto de dentro, estão se deteriorando como mostra a figura 8.

Figura 7: Rachaduras na parede interior



Fonte: Dados da pesquisa (2018).

Figura 8: Foto do confessionário e detalhe da tinta se desprendendo da parede



Fonte: Dados da pesquisa (2018)

Ao andar por um caminho de terra, na parte esquerda logo na entrada, pode se olhar o muro antigo que ainda está em pé, mas com uma placa avisando sobre o perigo de se aproximar da mesma. Do lado de fora da capela podem ser vistos lixeiras, bancos, luminárias, placas, poste e um pequeno pátio com calçada de pedra e grama aparada. Na parte de trás da capela é possível avistar árvores e um grande espaço com um gramado alto envolto de uma cerca de arame.

#### **4.2 Possibilidades de Interpretação Ambiental na Capela Santa Bárbara**

A interpretação ambiental pode ser considerada como um instrumento de apoio para ajudar na compreensão do espaço no momento da visita em um patrimônio, sendo este edificado ou uma unidade de conservação. Como aponta Delgado (2013, p. 302), a interpretação no patrimônio deve se constituir como “uma forma planejada e consciente de dirigir mensagens, desenhada para que as pessoas conheçam de maneira significativa seu patrimônio e se convertam em seus protetores e defensores”.



Embora haja painel interpretativo, o mesmo necessita de melhorias e reparos (como mostrado na figura 5 e 6). Seria necessário um painel que possa transmitir com maior legibilidade e atratividade as informações adequadas ao visitante. Nesse aspecto, Murta e Albano (2002) detalham com precisão como deveria ser um painel interpretativo: que os materiais dos painéis devem ser resistentes, a altura do mesmo deve ser acessível tanto para adultos quanto para crianças e que esteja instalado em um local que não atrapalhe a visão e nem aparência do patrimônio. Assim, o painel já disponível na capela, poderia ser otimizado com as instruções que as autoras propõem.

O espaço ainda não possui um guia especializado (interprete) para atender o público e contar sobre a história local. Com a ajuda de um interprete, os visitantes poderiam ter uma melhor experiência, e as placas ajudariam a reforçar mais a história já apresentada. Outro item importante em relação à interpretação são as trilhas que podem ser um recurso necessário nesse patrimônio, pois como Grupo Temático (2002), cita que para a implementação de trilhas no local, o mesmo deve apresentar variação na diversidade de elementos durante o percurso. Como no entorno desse patrimônio, compondo sua área e também complementando sua história, existem vários elementos como o muro antigo, o local do cemitério e até mesmo os elementos naturais como as árvores antigas ao redor, as trilhas podem ser uma possibilidade para o visitante de conhecer a história propriedade, da cidade, das congregações cristãs, elementos naturais, entre outras temáticas. Para adaptação da temática, se propõe trilhas com intermediação de interprete, mas como opção de trilha uma alternativa autoguiada com suporte de painéis ou de folder/mapa impresso, pode ser uma alternativa.

O guia/interprete poderia explicar de forma simples a história da capela e relacionar com o contexto da cidade. Outras possibilidades na forma oral poderia ser a realização de palestras mais detalhadas para pessoas mais velhas, e em teatro de fantoches para as crianças. O espaço que se encontra do lado de fora (Figura 9), poderia ser usado para recreação de alunos que visitassem o lugar com a escola. E outras atividades poderiam ser realizadas nesse espaço como narração de histórias, quebra-cabeça, colorir, jogo da memória, entre outros. Todas as atividades propostas poderiam incluir elementos do patrimônio em sua elaboração.



Um pouco mais afastado da capela, no espaço de fora existe também um pátio que pode ser usado para essas atividades e também para lanchar e/ou descansar contemplando a paisagem. Por haverem várias árvores nesse entorno existe sombra nos bancos em um grande período do dia.

Cabe destacar que não é sempre que as escolas fazem visitas em lugares religiosos e que não há informação sobre a realização desse tipo de visita no local. Nesse sentido poderiam ser realizados novos projetos contratando um guia em dia de visita escolar. Ou ainda a verificação da possibilidade de inserção do atrativo em projetos já existentes como o projeto “Conhecendo PG” que tem apoio da Prefeitura de Ponta Grossa e da Universidade Estadual de Ponta Grossa. Esse projeto que leva alunos de escolas públicas e associações para visitar os pontos turísticos da cidade. É gratuito e as saídas acontecem terças e quintas, sempre com monitores. A capela poderia ser inclusa no roteiro religioso que contempla a Catedral de Sant’Ana, a Casa do Divino e o Mosteiro da Ressurreição ou poderia se pensar um roteiro que contemplasse a área natural e o patrimônio cultural de uma forma logisticamente mais interessante. Para realizar as saídas, as escolas fazem um agendamento prévio, sendo assim, o guia, não precisaria estar na capela todos os dias.

Figura 9: Área externa da Capela



Fonte: Dados da pesquisa.

Outro fator relevante não encontrado na propriedade é a sinalização. No lado de fora da propriedade não há placa que indique a localização da Capela. A implementação de placas fora da capela é essencial, pois não possuem indicações de onde se ela está localizada, dificultando o acesso a mesma. As placas são um item importante no turismo, pois através delas, que os turistas podem guiar a si mesmos. Uma das principais funções das placas é ajudar os usuários a se situar no mapa, e tendo uma continuidade delas acaba por fornecer ao visitante uma rota de navegação de determinado local. Como as placas ficariam instaladas no lado de fora e poderia sofrer danos não só pelo clima, como por vandalismo também, é essencial que sejam utilizados materiais específicos e que tenham uma boa durabilidade (MURTA; ALBANO, 2002).

As placas interpretativas que se encontram dentro da área que circunda o atrativo, são apenas de aviso como mostrado na figura 10, sobre a existência de animais peçonhentos, e uma placa de cuidado (Figura 11), no muro antigo que se encontra lá.

Figura 10: Placa de aviso (animais peçonhentos).



Fonte: Dados da pesquisa.

Figura 11: Placa de aviso (alerta de cuidado).



Fonte: Dados da pesquisa.

A utilização de placas em áreas naturais, deve ser feita com um material que resista ao clima e que não prejudique a aparência do lugar. Como recomendação as placas de concreto armado são uma boa opção para esse tipo de lugar, com clima úmido por causa das árvores, as manutenções em relação as placas de madeira

seriam menores. Como cita os autores do Grupo Temático (2002) em um clima úmido as placas de madeira e aço sofrem com o apodrecimento e corrosão.

## **5 Considerações finais**

O trabalho teve como objetivo geral discutir de que forma a interpretação ambiental poderia ser realizada na Capela Santa Barbara. Tendo como objetivos específicos: ponderar sobre a situação do atrativo por meio de um diagnóstico; verificar as aplicações da interpretação ambiental; e sugerir ações de interpretação ambiental que possam ser realizadas no patrimônio focando na valorização da sua história. Sendo o mesmo, desenvolvido através pesquisa bibliográfica, análise documental, diagnóstico por meio de observação e propostas decorrentes dessa observação e confronto com o referencial teórico.

Verificou-se que várias ferramentas da interpretação ambiental seriam passíveis de utilização dentro da capela e no entorno da mesma. Conclui-se que a interpretação ambiental na capela Santa Barbara, poderia aprimorar seu potencial e alavancar a experiência dos visitantes. Além disso, poderiam contribuir à preservação e valorização da história local.

Além disto, fora o uso da interpretação ambiental, a capela poderia ser divulgada pelo projeto “conhecendo PG”, que leva as escolas e instituições para conhecer os atrativos da cidade. Além de ser gratuito, traria benefícios em ambos os lados, tanto para a capela, no caso da divulgação, como para os visitantes, pelo seu valor cultural. Porém seria necessário fazer um estudo de viabilidade, como o tempo que levaria para levar os participantes do projeto de um atrativo a outro, e também saber se o mesmo poderia ser incluso no roteiro.

Como limitação da pesquisa aponta-se que não foram observados os custos das mudanças propostas, mais estudos futuros podem analisar a viabilidade financeira, mostrando com detalhes os investimentos necessários para a aplicação das ferramentas nesse ambiente. Outra sugestão seria a realização de pesquisa de demanda, para analisar o interesse dos moradores e turistas em relação a capela atual, e como seria o interesse se as ferramentas da interpretação fossem implementadas.

## 6 Referências

AMBIENTAL, Grupo Temático de Interpretação. **Manual de Introdução à Interpretação Ambiental**. Belo Horizonte: Projeto Doces Matas, 2002. 108 p.

AZEVEDO, Francisco Fransualdo de et al. (Org.). **Turismo em Foco**. Belém: NAEA, 2013. 352 p.

BIESEK, Ana Solange. **Turismo e interpretação do patrimônio cultural: São Miguel das Missões - Rio Grande do Sul - Brasil**. 2004. Tese (Mestrado em Turismo) - UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL – UCS, Rio Grande do Sul, 2004. Disponível em: <https://repositorio.ucs.br/handle/11338/224>. Acesso em: 19 abr. 2019.

CHAMMA, Guísela Velêda Frey. **Campo Gerais: Uma outra história**. Santa Maria: Pallotti, 2007. 227 p.

CHAVERRI, A. (1988): **Los senderos naturales: ¿qué son? CATIE**, Costa Rica. 15 p.

DELGADO, André Burgos; PAZOS, Araceli Serantes. Interpretação do patrimônio, turismo e gestão de áreas protegidas: algumas aproximações. **Turismo e Sociedade**, [S.l.], v. 6, n. 2, maio 2013. ISSN 1983-5442. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/turismo/article/view/31930/20364>>. Acesso em: 19 abr. 2019. doi:<http://dx.doi.org/10.5380/tes.v6i2.31930>.

FERNANDES, Josué Corrêa. **Das Colinas do Pitangui**. Ponta Grossa: Editora Gráfica Planeta Ltda, 2003. 490 p.

FONTELLES, Mauro José *et al.* **Metodologia Da Pesquisa Científica: Diretrizes Para A Elaboração De Um Protocolo De Pesquisa**. [S. l.], 2009. Disponível em: <http://bases.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/online/?IscScript=iah/iah.xis&src=google&base=LILACS&lang=p&nextAction=lnk&exprSearch=588477&indexSearch=ID>. Acesso em: 14 mar. 2019.

HOLZMANN, Guísela V. Frey; SOARES, Olavo; REQUIÃO, Renato. **História de Ponta Grossa**. Ponta Grossa: Edição Histórica, 1975. 159 p.

IPHAN, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Educação Patrimonial: Inventários Participativos**. Brasília: [s.n.], 2016. 134 p.

IPHAN, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Bens Tombados**. [S. l.], 2014. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/126>. Acesso em: 19 abr. 2019.

LEMOS, Amália Inês Geraiges de (Org.). **Turismo: Impactos Ambientais**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1999. 305 p.

MACHADO, Neli Galarce et al. Educação Patrimonial: relações ambientais e culturais. **Revista Arqueologia Pública**, Campinas, SP, v. 11, n. 1[18], p. 87-105,



jul. 2017. ISSN 2237-8294. Disponível em:

<<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rap/article/view/8647933/16259>>.

Acesso em: 19 abr. 2019. doi:<https://doi.org/10.20396/rap.v11i1.8647933>.

MCKERCHER, Bob. **Turismo de Natureza: Planejamento e sustentabilidade**. São Paulo: Contexto, 2002. 303 p.

MEDEIROS, D., & HAYDU, V. (2018). Interpretação Ambiental à luz dos princípios da Análise do Comportamento: contribuições para Educação Ambiental. **Perspectivas Em Análise Do Comportamento**, 9(1), 43-59.

<https://doi.org/10.18761/PAC.2017.012>

MOREIRA, Jasmine Cardozo. **Geoturismo e interpretação ambiental**. 1. ed. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2014. 157 p.

MURTA, Stela Maris; ALBANO, Celina (Org.). **Interpretar o patrimônio: um exercício do olhar**. 1. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2002. 288 p.

OLIVEIRA, Itacil Ferreira de. **Álbun de Ponta Grossa**. Ponta Grossa: [s.n.], 1963. 163 p.

PIRES, Paulo dos Santos. **Dimensões do Ecoturismo**. São Paulo: Senac São Paulo, 2002. 269 p.

PONTA GROSSA. Prefeitura Municipal. **Turismo Religioso: Capela conta trajetória dos jesuítas na região**. 2001. Disponível em: <

<http://www.pontagrossa.pr.gov.br/node/10105>>. Acesso em: 01 set. 2018.

SILVA, Diego Marques; LORENCINI JÚNIOR, Álvaro. A relação entre trilhas interpretativas, Interpretação Ambiental e Educação Ambiental, e a importância das espécies arbóreas para essas atividades. In. **Anais do Simpósio Nacional de Ensino de Ciência e Tecnologia**. Ponta Grossa: UTFPR, 2010. Disponível em: <<http://www.sinct.com.br/anais2010/>>. Acesso em: 29 out. 2018.

SIQUEIRA, L. F. Trilhas interpretativas: Uma vertente responsável do (eco) turismo.

**Caderno Virtual de turismo**, n. 14, 2004. Disponível

em: <<http://www.ivt.coppe.ufrj.br/caderno/index.php/caderno/article/view/72>> Acesso em: 13/04/2019.

SOIFER, Jack. **Empreender Turismo e Ecoturismo**. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2005. 151 p.

SOUZA, K. (2010). A Interpretação ambiental na conservação do patrimônio cultural: o caso do arqueosítio musealizado da (Real) Fábrica de Neve de Montejuízo, Portugal. **Revista CPC**, (10), 89-115. <https://doi.org/10.11606/issn.1980-4466.v0i10p89-115>. Acesso em: 19abr. 2019.

TILDEN, F. **Interpreting our heritage**; 3<sup>o</sup> edition. The University of North Carolina Press. 1977. 177p.

TILDEN, F. **La interpretación de nuestro patrimonio**. Tradução de Pablo Salas Rojas. 1. ed. Sevilla: Asociación para la Interpretación del Patrimonio, 2006. Título original: Interpreting our heritage.

TOMMASI, Tarcila. **Santa Bárbara**. 2003. Disponível em: <[http://www.npdbrasil.com.br/religiao/Santa\\_Barbara.htm](http://www.npdbrasil.com.br/religiao/Santa_Barbara.htm)>. Acesso em: 14 set. 2018.

TURISMO, Fundação Municipal de. **Capela Santa Bárbara**. Disponível em: <<http://www.pontagrossa.pr.gov.br/capela-santa-barbara>>. Acesso em: 18 ago. 2018.

UNIT, Project Coordinating. **Environmental Interpretation Manual for Protected Areas in the Mesoamerican Barrier Reef System Region**. 2005. Disponível em: <<https://www.cbd.int/doc/pa/tools/Environmental%20interpretation%20manual%20for%20protected%20areas%20in%20the%20MBRS.pdf>>. Acesso em: 18 ago. 2018.

VASCONCELLOS, J.M.O. **Avaliação da visitação pública e da eficiência de diferentes tipos de trilhas interpretativas no Parque Estadual Pico do Marumbi e Reserva Natural Salto Morato - PR**. 1998. 139 fls. Tese (Doutorado em Ciências Florestais) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba. 1998. Disponível em: <<https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/25417>> acesso em: 11 nov. 2018.

VI JORNADA DO HISTEDBR, 2005, Ponta Grossa. **Anais [...]**. Faculdade de Educação - UNICAMP: [s. n.], 2005. Disponível em: [http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer\\_histedbr/jornada/jornada6/resumos/769.htm](http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/jornada/jornada6/resumos/769.htm). Acesso em: 19 abr. 2019.

ZANELLI, J. C. **Pesquisa qualitativa em estudos da gestão de pessoas**. Estudos de Psicologia, v. 7, p. 79 - 88, 2002.